

A profissão de Fisioterapia tem uma história recente, tendo se desenvolvido no nível mundial principalmente após a Segunda Guerra Mundial, com a finalidade de reabilitar os sequelados deste conflito histórico. No Brasil a profissão ainda não completou 50 anos de regulamentação para as atividades de prática clínica. Isto se reflete na baixa produção científica nos dias atuais, não podendo ser comparada a outras profissões da área da saúde que já existem há milênios e impacta no baixo nível de evidências científicas para a prática clínica e para o desenvolvimento da ciência na área.

Pode-se afirmar que as profissões do novo milênio se desenvolveram como uma consequência natural das demandas crescentes de especialidades, quanto mais o conhecimento foi se desenvolvendo. Com um objeto de estudo distinto das outras profissões da saúde que se baseia em contribuir com um aprofundado olhar para o movimento humano e uso de recursos físicos para o tratamento de diferentes problemas que afetam o homem atual, a Fisioterapia vem buscando desenvolver o conhecimento próprio em áreas específicas, mas articulando-se com as políticas nacionais do Sistema Único de Saúde.

Por outro lado, a Ciência no Brasil, de uma forma geral, ainda também é muito jovem. Os primeiros doutores só vieram das Universidades estrangeiras a partir da década de 70 do século passado, ou seja, possui cerca de 40 anos de história. A abertura para a participação de fisioterapeutas nas pesquisas ainda é bem posterior.

A Fisioterapia tem atravessado diversas barreiras para alcançar o respeito das comunidades leigas e áreas científicas correlatas: na recuperação do movimento de atletas de alto nível, no ganho da independência funcional de pessoas antes restritas ao leito e à cadeira de rodas, no treinamento da musculatura respiratória em UTI, no tratamento de transtornos urogenitais, dermatológicos e posturais, entre tantos outros. Tais resultados impactam na qualidade de vida da população e na economia do país: em gastos públicos, na força de trabalho e na produção autônoma. Atualmente, o bacharel em Fisioterapia é um dos pilares da prática clínica, da pesquisa em saúde, da docência do ensino superior e do desenvolvimento social da população em geral. Ele precisa demonstrar constantemente seu contínuo aperfeiçoamento com base em fundamentos científicos.

Embora já tendo o reconhecimento técnico conquistado, ainda há muito que conquistar em relação à pesquisa científica. Nos últimos anos, no Brasil, o número e qualidade de artigos científicos produzidos têm aumentado consideravelmente, mas a divulgação deste segmento de conhecimento ainda é muito limitada. Diversos Trabalhos de Conclusão de Cursos (TCCs) em Fisioterapia, tanto no nível de graduação como de pós graduação, se revelam como

EDITORIAL

manuscritos de elevado padrão científico, mas que acabam por serem perdidos nas estantes das bibliotecas institucionais. Uma das suas causas é o limitado número de revistas científicas nesta área neste país. Os poucos periódicos brasileiros na área não dão conta de atender a toda à publicação da demanda nacional.

Por esta razão a Revista Pesquisa em Fisioterapia (RPF) da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP) é uma revista que já nasce forte para preencher esta lacuna e assume o compromisso de garantir a qualidade das publicações com o objetivo de contribuir com o desenvolvimento da pesquisa na área em todo o país. Com um corpo editorial e revisores de reconhecimento no nível nacional, a RPF lança agora seu quarto número e convida a todos os interessados a participarem desta construção profissional.

Kátia Nunes Sá
Editor